

# Imagem primeira de Júlio Cortazar

por José Cardoso Pires

Um homem de voz calma e de grandes silêncios (como nos seus livros em que ele deixa ao leitor o encargo de «dirigir a acção»). Um rosto de jovem num corpo de 50 anos. E de quando em quando um riso imenso no olhar que discretamente se retém e se desfaz numa atenta melancolia... Foi assim que conheci Júlio Cortazar numa noite em que jantámos com Ugné Karvelis num restaurante do Quartier Latin.

Falámos, lembro-me bem, de Portugal, da Lisboa que ele conhecera de passagem e de que miraculosamente conhecia nomes de igrejas, de bairros até. E isso não tinha o ar de um cumprimento, era, pelo contrário, o desejo de entusiasmar a nossa companheira a parar umas horas aqui, num «stop-over» entre Nova York e Paris, entre as grandes capitais que estendem a sua ellipse por sobre os territórios olvidados. E falámos de cinema, das suas preferências pelo Charlot «mudo», por Buster Keaton.

Ali, enquanto conversávamos, eu compreendia a que ponto Antonioni fora feliz e certeiro na escolha de Les Fils de la Vierge para argumento do Blow Up. Como em ambos o silêncio e a riqueza da narrativa do mundo são valores essenciais e expressivos. Depois, ao ler Mareille, percebi melhor isso mesmo. E mais: que há uma espantosa memória naquele homem que regista «fotograficamente» o passado imediato e que, como no jogo de «mareille» (o «jogo de avião» como lhe chamam as nossas crianças) ele, saltando de quadrado para quadrado, de acção para acção, recompõe todo um esquema de sentimentos.

Esse código secreto, essas armas secretas que fazem o jogo dos entendimentos compreendias eu melhor acompanhando Sybille e Oliveira pelos dédalos de Paris, através das páginas de Mareille. Mas nunca deixei de ter presente a imagem daquele homem alto e de gestos extraordinariamente dóceis que, apesar do êxito e da consagração, tem no rosto a suavíssima sombra do exílio. O gosto da discrição. O desejo de estar presente e não pesar. A obsessão de recompor o facto vivido, de o dissertar.